

observed that during the process musicoterapêutico, the zone of proximal development is shaped as vivenciação of different musical experiences by the subject, changing its initial expression. In an interaction with active elements mediators - objects and / or acoustic instruments, different musical experiences, expressive multimedia (design, talking, singing, writing), musicoterapeuta / co-musicoterapeuta - experimenting and making trade, the subject has the opportunity to learn new ways significant broadening its development.

Keywords: Music in Education, learning disabilities, the creative process;

REFERÊNCIAS:

- BENZON, Rolando O. Manual de Musicoterapia. Trad.: Clementina Nastari. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- BARBOSA, Ivone Garcia. Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- BRASIL, Elisama Barbosa; GOMES, Carolina Gabriel. Modelo de testificação sonoro-musical para a Musicoterapia na área da Educação. Goiânia, 2008.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483–502, set./dez 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf> >. Acesso em: 19 mar. 2008.
- FREIRE, Paulo.- A importância do ato de ler: em três artigos que se completam, 11ª ed., São Paulo: Autores associados/Cortez, 1985.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SABARELLA, Patrícia L. Un estudio bibliográfico sobre metodología de trabajo y evaluación em Musicoterapia. Musica, Terapia e Comunicación (Revista de Musicoterapia). s/l. 1998, n. 18, p. 67-81.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. Da música: seus usos e recursos. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

95- Compendo e afinando o tornar-se Musicoterapeuta. Marcia Maria Menim/PR¹ e Sheila Maria O. Beggiato Volpi/PR.²

RESUMO: Os desafios da construção do papel de musicoterapeuta nos dias de hoje, sob a luz da transdisciplinaridade e da complexidade em face ao imediatismo e pragmatismo vigente.

Palavras-chave: musicoterapia; transdisciplinaridade; formação do musicoterapeuta.

ABSTRACT: The challenges in the construction of the role of a music therapist nowadays, in the light of transdisciplinarity and complexity in face of the immediatism and pragmatism in effect.

Key-words: Music Therapy, transdisciplinarity, training of music therapist.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de quase duas décadas de trabalho na formação de musicoterapeutas, temos acompanhado, empiricamente, a mudança no perfil do jovem que busca o curso superior para tornar-se um profissional. Essa mudança no perfil pode ser entendida como o reflexo das próprias mudanças sociais, das relações que as pessoas vêm desenvolvendo com a natureza, com as instituições e com as outras pessoas.

Acompanhamos a velocidade das mudanças tecnológicas, e como consequência desta, temos o consumismo e o descarte de objetos. Os laços inter-humanos, que outrora teciam uma rede de segurança e que eram tecidos dentro de instituições bem estruturadas, hoje se tornam cada vez mais frágeis e temporários. É com a obra de Zigmunt Bauman que vamos estudar os efeitos da “vida líquida” sobre o cuidado de si e do outro nesta vida agitada e descartável.

2 Da Modernidade à Transdisciplinaridade

A Modernidade teve início por volta do século XV e se estende até nossos dias. Trata-se de certo tipo de mentalidade, que séculos após séculos, veio se instalando e se desenvolvendo entre os homens, principalmente a partir da construção do saber ou do conhecimento humano. Estamos nos referindo a um tipo de Razão e Raciocínio que podemos chamar de Razão Científica.

O conhecimento passa a ser organizado em torno da quantificação e da mensuração, como forma de revelar as verdades universais. Neste sentido, o saber sensível proveniente de sensações e sentimentos foi sendo progressivamente relegado e até mesmo negado.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta, Especialista em Psicodrama Terapêutico e Psicologia Analítica. Professora de Psicologia na Faculdade de Artes do Paraná desde 1985. Atua como psicóloga autônoma – psicoterapia adultos. Email: marciammenim@hotmail.com

² Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Educação Musical, atual Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Atualmente é Coordenadora do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da FAP. Formação em Psicodrama Pedagógico pela Sociedade Paranaense de Psicodrama. Mestrado em Educação pela PUCPR. Experiência clínica na área de saúde mental, menores em conflito com a lei e em situações de risco.

O que temos, então, resumidamente é:

1. com os gregos – tínhamos a ânsia pelo conhecimento da essência, tentativa da compreensão do Ser, das coisas e dos fenômenos.

2. até a Idade Média – o saber visava uma melhor adequação aos desígnios divinos.

3. a partir da Idade Moderna - com os descobrimentos, o homem passa a considerar o mundo como algo ainda a ser construído - e passa a olhar para si mesmo e para o amanhã. Aqui surge a preocupação com o futuro, com o progresso, e com ele, a esperança de que haverá tempos melhores a partir do esforço de construção do homem. Passa-se a valorizar não mais a essência, mas sim a função das coisas do mundo.

No século XVIII há dois eventos que definem de modo cabal a Modernidade: a Revolução Industrial e o Iluminismo. Não é objetivo deste trabalho um detalhamento extenso da Revolução Industrial, porém cabe ressaltar alguns aspectos, como por exemplo, a alteração de hábitos e costumes diários do homem e das cidades, até a alteração significativa da reeducação do corpo humano. Enquanto o artesão trabalhava segundo a sua necessidade e obedecia a demanda de seu corpo e em consonância com as estações do ano, o operário passou a ter a sua vida regida pela produção industrial. Seu ritmo vital passa a ser alterado pelo horário da fábrica, horários fixados a partir de uma racionalidade, exterior a ele.

O Iluminismo por sua vez, elege a Razão como a principal das faculdades humanas e por meio de sua educação, não haveria mais preconceitos, superstições e discriminações. O mundo a partir disso seria melhor e mais justo.

O século XIX transcorre com as grandes invenções, desde a luz elétrica, até máquinas a vapor, trens, telégrafo, etc. Somente no século XX, com a eclosão da I Guerra Mundial, o tão aclamado sonho do Homem Moderno começa a desmoronar. O homem se vê destruído por aquilo que viria para emancipá-lo. Como se não bastasse essa experiência, outra guerra mundial eclode e o mal-estar se torna mais agudo com os dois símbolos máximos da irracionalidade humana: Auschwitz e Hiroshima. E é esse mal-estar que nos interessa particularmente.

A exacerbação do pensamento racional nos levou a uma visão fragmentada da realidade, em que as contradições estão presentes e as explicações passam a ser pluralistas e excludentes, o que acabou por nos ferir em nosso código simbólico e de valores.

A Modernidade vivida nos dias de hoje é marcada pelo fim dos grandes sistemas teóricos que pretendiam explicações únicas e universais, o Marxismo e o Cristianismo, por exemplo. É a partir disto que o Homem Moderno do século XX vive imerso em incertezas e descrenças. Este movimento é descrito por Bauman (2001, p. 9) como a "Modernidade Líquida" ou seja, a tarefa de dissolver os sólidos, entendidos pelo repúdio a tudo que persiste no tempo e portanto, à tradição. Este ato traz em seu bojo a profanação do sagrado. Assim adentramos na Modernidade pelas mãos de uma racionalidade instrumental (WEBER, apud Bauman, 2001).

Na Modernidade Líquida, os vínculos também assim o são. A velocidade é a tônica, e com isso não há tempo para a consolidação de valores. A realidade é veiculada pelos meios de comunicação que enfatizam determinados pontos em detrimentos do que é

real. Vivemos na era do SIMULACRO. Simular, fazer de conta, aparentar. O simulacro é colocado no lugar da coisa em si, com a vantagem de ter mais atrativos. Sem ser nosso objetivo adentrar nas complicadas tramas da Semiótica, convém lembrar apenas a diferença básica entre símbolo e signo. Para Gilberto M. Kujawski (1994), o signo indica a relação entre as coisas, ao passo que o símbolo inclui a representação da coisa, no sentido mais primitivo e genuíno de sua presentificação e pertinência a um sistema. Os mesmos elementos podem funcionar como signos e símbolos. Esse mecanismo também garante a dessacralização e o desencantamento, atos que andam juntos. O mundo é desencantado, e passa a ser profano na medida em que a ciência e a técnica o tornam um objeto.

Paradoxalmente vivemos uma adulteração do que chamamos de educação do sensível e o corpo está cada vez mais exposto e visível na mídia. Contudo, não podemos nos confundir, pois este corpo não pertence à ordem do sensível e sim, à indústria do corpo, o que é bem diferente. Cabe a nós, refletirmos sobre que tipo de personalidade a sociedade atual vem nos possibilitando/exigindo formar. Se vírmos o indivíduo inseguro em face às diferentes armadilhas do cotidiano, incerto quanto ao futuro, tendo que se adaptar rapidamente às guinadas da vida, temos que viver com grande maleabilidade e grande adaptabilidade às novas situações, no desenvolvimento de um "eu mínimo", segundo Christopher Lasch, ou produzindo vínculos líquidos, segundo Z. Bauman, ambos citados por DUARTE JUNIOR (1997, p. 35).

A transdisciplinaridade surge como uma possibilidade, um novo olhar. Nas palavras de Nicolescu (1999, p. 11) "a abordagem transdisciplinar é redescoberta, revelada, utilizada numa velocidade fulminante, conseqüência da necessidade de responder aos desafios sem precedentes de um mundo perturbado como o nosso. (...) A abordagem transdisciplinar nos faz descobrir a ressurreição do indivíduo e o começo de uma nova etapa de nossa história".

2.1 As Relações na Modernidade

Na hipervalorização do conhecimento, das informações, e de 'coisificações' (do mundo, das inter-relações) constatamos mudanças significativas na forma de se relacionar das pessoas. Tanto objetos como pessoas podem ser facilmente substituídas ou repostas. As relações passam a ser superficiais, não duradouras e os compromissos revogáveis.

Assim como se consomem produtos, roupas, imagens, alimentos as pessoas também se consomem a si próprias, com excessivas atividades físicas ou laborais, em busca de realidades artificiais e externas a elas próprias. Onde há excesso de consumo, e o descarte de objetos é grande, a dimensão do cuidado de si e do cuidado do outro não fica contemplada. Cuidar exige observação criteriosa, paciência e acolhida. A pressa e a ansiedade de nossos tempos favorecem o descuido consigo, com o outro, e, portanto, com as relações.

A realidade que vivemos é forçosamente construída e criada a partir de uma demanda de consumo mercadológico e não pelo valor intrínseco das pessoas, não válida portanto, o status ontológico dos indivíduos. Em uma vida orientada pela tecnologia, a dimensão relacional fica relegada a segundo plano, aumentando o

isolamento, o narcisismo e até mesmo a alienação. Se eu não consigo ver a dimensão existencial do meu interlocutor, passo a me relacionar com ele como se ele fosse uma "coisa" além da competição e da tentativa de dominação estar sempre presente. Como não podemos esquecer que o humano se faz humano na e pela relação, na medida em que desconsidero a alteridade, uma parte de mim mesmo também não será considerada.

O exercício profissional é um excelente meio do indivíduo "tornar-se pessoa", já que a trajetória pessoal/profissional e as reflexões advindas destes campos e dos vínculos que se estabelecem, constituem o amálgama do tornar-se pessoa.

Um outro agravante é que na sociedade líquido-moderna cada membro individual é instruído, treinado e preparado para buscar a felicidade individual por meio de esforços individuais. Assim vivemos o mito do herói, que morre sempre só, e o que possa significar felicidade, vai estar dependendo do indivíduo estar livre das inconveniências do convívio, como o que ceder, o que representa uma desvantagem para o indivíduo, o que deve adiar de satisfação em nome do desejo do outro ou em nome de um relacionamento, etc. O excesso de individualidade acaba por levar a uma minimização dos critérios morais, o que dificulta particularmente o ensino da ética profissional.

Quando nos vemos diante de um aluno "aprendiz de terapeuta", temos uma grande tarefa, que por muitas vezes parece ser a de remar contra a maré da indiferença, ou deste culto do homem moderno. Ao nos aproximarmos das correntes de Psicologia com fundamentação Humanista-Existencial, que é o nosso caso, como professoras da Faculdade de Artes do Paraná, nos damos conta de que estamos na contramão dos tempos modernos. Assim, passamos a valorizar o desenvolvimento do olhar e acolhida ao sofrimento humano, a disponibilidade de estar para o outro e permanecer contactado consigo próprio, sabendo que é nesta interrelação que se dá o processo terapêutico.

Os poetas, em sua sabedoria, já cantam: "viver é afinar o instrumento, de dentro pra fora, de fora pra dentro, a toda hora a todo momento...."³ Como então se expor à relação, para dela extrair elementos para a alquimia do processo terapêutico e reservar ainda, um espaço para si mesmo para, e em se terapeutizando, poder terapeutizar o outro.

2.2 Transdisciplinaridade

E assim, chegamos a necessidade de um outro olhar sobre a realidade atual. Um olhar ampliado, complexo, e principalmente, um olhar não excludente das relações entre natureza e seres humanos. Encontramos na Transdisciplinaridade, um caminho para fundamentarmos nossos pensamentos.

Possuir uma visão transdisciplinar é uma aventura do espírito. É ter uma nova atitude perante a vida. É poder dialogar entre as diferentes áreas do saber. A Transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento que possibilita a compreensão de processos e a assimilação de uma cultura, é uma arte. "Ela implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo" (MELLO, BARROS, SOMMERMAN, 2002, p. 10).

³ Serra do luar, de Walter Franco

"Etimologicamente, trans é o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas, remetendo também a idéia de transcendência" (ibidem).

O olhar transdisciplinar nos remete a um todo significativo que emerge de um diálogo constante entre a parte e o todo (...) O olhar transdisciplinar busca encontrar os princípios convergentes entre todas as culturas, para que uma visão e um diálogo transcultural, transnacional e transreligioso possam emergir, o que leva também à relativização radical de cada olhar, mas sem cair no relativismo, uma vez que a transdisciplinaridade nos permite encontrar o mundo em comum, a concórdia mundis, e o terceiro incluído entre cada par de contraditórios (ibidem, p.10-11).

A formação de formadores transdisciplinares contempla um processo tripolar:

- autoformação - formação na relação consigo mesmo;
- heteroformação - formação na relação com os outros;
- ecoformação - formação na relação com o ambiente.

Somada a isto é fundamental um olhar multidimensional sobre o sujeito e o objeto, levando a diferentes níveis de percepção do sujeito e realidade do objeto (Nicolescu, 2001). "Além disso, numa definição ampla de cultura, toda cultura apresenta três ordens ontônômicas, na qual se entrecruzam três níveis ou dimensões: a mítico-simbólica, a lógico-epistêmica e a mística" (Coll, 2000).

Não existem modelos prontos, nem conhecimentos dogmáticos. Há sempre uma remodelação diante de cada campo de reflexão e de cada campo de aplicação (MELLO, BARROS, SOMMERMAN, 2002).

E com este olhar vamos entender a própria Musicoterapia.

3 Musicoterapia

A Musicoterapia, na sua genealogia, pode ser entendida, de diferentes maneiras. Alguns a dizem híbrida (CHAGAS, s/d), interdisciplinar e outros ainda a consideram transdisciplinar. O fato é que a Musicoterapia une diferentes áreas de conhecimento: o campo da música, da saúde e da terapêutica.

No que diz respeito à questão da fusão de arte e da ciência, Bruscia (2000, p. 8) afirma que

[...] como uma arte, ela está ligada com subjetividade, individualidade, criatividade e beleza. Como uma ciência, está ligada à objetividade, coletividade, reprodutividade e verdade. Como processo interpessoal, ela está ligada à empatia, intimidade, comunicação, influência recíproca e relação de papéis.

Defendendo a essência transdisciplinar da Musicoterapia, Bruscia (2000) assinala que "não é uma disciplina isolada e singular claramente definida e com fronteiras mutáveis. Ao contrário, ela é uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia" (p.7-8).

4 Caminhos

Temos buscado caminhos para lidar com este antagonismo do mundo Pós Moderno, de vínculos líquidos e de frágeis ou poucos cuidados, e a formação de um profissional que se caracteriza por ser essencialmente cuidador: o musicoterapeuta. Nosso pensamento se dá a partir de alguns pontos que expomos a seguir:

§ Faz-se imprescindível tratar o aluno com respeito e cuidados - considerando a realidade social, cultural, econômica -, pois estes passam a ser um modelo de relacionamento.

§ Estar atento à formação, destas pessoas, como um todo e não somente com os conhecimentos teóricos e formais, equilibrando para uma formação integral dos alunos. Não formar terapeutas racionais (em que somente a razão predomina), mas indivíduos que tenham conhecimentos para compreender o outro com sensibilidade, vendo-o de uma forma total.

§ Oferecer suporte teórico prático em abordagens que ofereçam uma visão relacional, como por exemplo, a fenomenológico existencial - Gestalt e Psicodrama.

§ Trabalhar o ser social, relacional, desenvolvendo o senso de coletividade e respeito ao outro e meio ambiente.

§ Agir com coerência, tanto no discurso como na prática.

§ Considerar o relatório para a UNESCO, elaborado por Jacques Delors, que apresenta os quatro pilares para a educação no século XXI: APRENDER A CONHECER, APRENDER A FAZER, APRENDER A VIVER JUNTOS, APRENDER A SER. Posteriormente foi acrescido, por um grupo de participantes da Conferência Internacional de Transdisciplinaridade (2001), mais dois pilares: APRENDER A PARTICIPAR E APRENDER A ANTECIPAR.

5 CONSIDERAÇÕES

A formação profissional, a postura desenvolvida pelo confronto com os princípios existencialistas, tem forjado nossa atuação como professoras e também como terapeutas. Mais recentemente, as obras de Bauman e Morin nos colocaram diante de uma possível saída para a fragmentação do conhecimento, e o isolamento egoísta que facilmente nos atinge.

Assim, ter a consciência de que o saber precisa estar contextualizado, que a realidade é composta por laços e interações, e que tudo faz parte de um sistema onde há uma organização, nos move em busca de uma construção de um relacionamento com nosso aluno com objetivo de despertar nele esta mesma visão. Por acreditarmos que todas as relações trazem em seu bojo o caráter dialógico, somente ele, aluno, sendo respeitado, poderá respeitar; sendo acolhido, poderá acolher; vivendo o interesse e envolvimento poderá interessar-se e envolver-se. Se formos capazes de confessar nossos limites, ele poderá enfrentar os seus, e por fim, ao vivermos com mais paixão essa postura poderá despertar no aluno esse sentimento.

Todos os elementos são os que entendemos fazer parte do que chamamos de posturas internas de um terapeuta. Parafraseando Clara Feldman (2004), estes elementos podem constituir o que chamamos de talento para ser terapeuta. Esse talento necessitará de luz e sistematização para poder ser posto a serviço do outro, e assim,

juntamente com consciência ética poderemos, tal qual um sacristão, nos colocarmos a serviço de outro ser humano que sofre.

O musicoterapeuta tem esta missão, de estar a serviço do outro, num contexto em que a música e a musicalidade do terapeuta estão a serviço do outro. Ter a sabedoria para equilibrar o conhecimento teórico e a sensibilidade é um dos grandes desafios para o musicoterapeuta. Além disto, também é necessário estar disponível para o outro, saber ouvir, saber cuidar, saber acolher, ouvir a música que vem do outro e saber responder musicalmente a esta música e as necessidades que se apresentam.

Acreditamos que esta construção se faz ao longo de toda a carreira de um terapeuta, seja um psicólogo ou um musicoterapeuta, e que esta carreira começa na graduação, e que é importante já nesse momento, ter uma sólida formação humana e sensibilizadora, somada aos conhecimentos teóricos técnicos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. Vida líquida. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª ed, Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHAGAS, Marly. Musicoterapia: Paradigmas, Campos de Conhecimento e Concepções Teóricas. XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Disponível em http://www.fw2.com.br/clientes/artesdecura/revista/musicoterapia/Mt_paradigams.pdf
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo, Cortez, 1998.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. Itinerário de uma Crise: a Modernidade. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.
- FELDMAN, Clara. Encontro: Uma abordagem humanista. Belo Horizonte: Ed. Crescer, 2004.
- HYCNER, Richard. De pessoa a pessoa: Psicoterapia Dialógica. Tradução: Elisa Plass Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portella. São Paulo: Summus, 1995.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. O sagrado existe. São Paulo: Atica Ed. 1994.
- MELLO, M. F.; BARROS, V. M. SOMMERMAN, A. Introdução. In: CETRANS. Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo: Triom, 2002.
- MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: Ensaio de Complexidade. Coordenação de Gustavo de Castro. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NICOLESCU, Basarab. Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2001.